



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A DISCURSIVIZAÇÃO DO SUJEITO MULHER: TRAÇOS DE PODER E
MACHISMO NOS COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS DOBRE A MARCHA DAS
VÁDIAS DE 2014 EM SÃO PAULO-SP**

JÉSSICA TUANE VIEIRA DA SILVA

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

JÉSSICA TUANE VIEIRA DA SILVA

**A DISCURSIVIZAÇÃO DO SUJEITO MULHER: TRAÇOS DE PODER E
MACHISMO NOS COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS DOBRE A MARCHA DAS
VADIAS DE 2014 EM SÃO PAULO-SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus IV*, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Izaías Serafim de Lima Neto

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

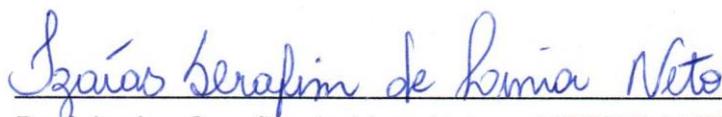
S586d Silva, Jéssica Tuane Vieira da.
A discursivização do sujeito mulher: traços de poder e machismo nos comentários de internautas sobre a marcha das vadias de 2014 em São Paulo - SP [manuscrito] / Jessica Tuane Vieira da Silva. - 2019.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Prof. Esp. Izaías Serafim de Lima Neto , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Sujeito mulher. 2. Relações de poder. 3. Foucault. 4.
Site G1. I. Título
21. ed. CDD 305.4

JÉSSICA TUANE VIEIRA DA SILVA

**A DISCURSIVIZAÇÃO DO SUJEITO MULHER: TRAÇOS DE PODER E
MACHISMO NOS COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS SOBRE A MARCHA DAS
VÁDIAS DE 2014 EM SÃO PAULO -SP**

Aprovada em: 09/12/2019

BANCA EXAMINADORA



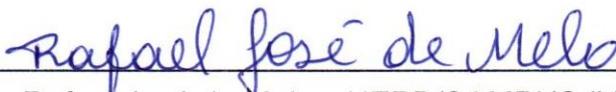
Prof. Izaías Serafim de Lima Neto – UEPB/CAMPUS IV

(Orientador)



Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro - UEPB/CAMPUS IV

(Examinadora)



Prof. Dr. Rafael José de Melo - UEPB/CAMPUS IV

(Examinador)

Dedico este trabalho primeiramente ao Deus que eu acredito, por ter me guiado e me protegido em minha jornada até aqui. A minha mãe, por todo apoio, dedicação e esforço. A Alice, minha namorada, por ter me apoiado e ajudado em todos os momentos. E por fim, mas não menos importante, a mim por não ter desistido mesmo com todas as dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Ao **Deus** que acredito primeiramente, por me dar forças, paciência e coragem para chegar onde cheguei.

À minha família, principalmente meus pais **Dilma** e **Gil**, minha mãe por me dar todo o apoio e incentivo e pai por não deixar nada faltar, esta conquista é nossa! Aos meus avós **Francisco** e **Francisca**, meus irmãos **Júnior** e **Henrique**, minha prima **Larissa** e minhas tias por todo o apoio, cuidado e compreensão.

Ao Centro de Ciências Humanas e Agrárias da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, pela oportunidade dada para a realização do curso e me proporcionar o convívio com tantas pessoas incríveis.

Ao professor **Izaías Serafim de Lima Neto** pela orientação, paciência, gentileza e dedicação.

Aos professores que marcaram minha jornada acadêmica por serem fonte de inspiração e incentivo, pela ajuda, apoio profissional e intelectual.

Aos meus amigos e amigas: **Italo, Rawana, Alana, Vitória, Caique, Jessica, Islla, Ivana, Vavá, Henrique, Silvester, Luane** e todos os outros que não citei para não me prolongar, por todos os momentos juntos, bons ou ruins onde vocês foram as melhores pessoas com quem eu poderia estar.

A minha panelinha, o Barraco, pessoas totalmente diferentes, mas que são amigos incríveis que nunca irei esquecer: **Thayná, Cristina, Orlando, Kaulay, Laisa, Raiane, Daniela e Elias**, por terem sido minha família, meu conforto e meu orgulho e por terem tornado esses anos os melhores da minha vida.

A minha namorada **Alice**, que sempre me motivou a continuar, sempre me ajudou e foi minha paz no meio de tanto caos e por ser paciente com todos os meus surtos ao longo desse curso.

Aos colegas de sala pelo companheirismo e amizade.

A todos os que contribuíram de alguma forma para que este momento fosse possível, se fosse possível citaria todos e daria um livro, mas saiba que sou muito grata a cada um por tudo.

E por último, mas não menos importante, a mim, **Jéssica Tuane Vieira da Silva**, por não ter desistido, por ter evoluído, por ter conseguido chegar ao último período sem nenhuma reprovação e por ter tentado fazer a diferença na UEPB de alguma forma. A todos vocês, meu mais sincero obrigado.

*Nos somos mulheres de todas as cores
De várias idades, de muitos amores
Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei
De Elza Soares, mulher fora da lei
Lembro de Mariele, valente e guerreira
De Chica Da Silva, Toda Mulher Brasileira
Crescendo oprimida pelo patriarcado
Meu corpo minhas regras agora mudou o quadro*

*Mulheres cabeças e muito equilibradas
Ninguém está confusa não te perguntei nada
São elas por elas
Escute este samba que eu vou te cantar*

*Eu não sei, porque eu tenho que ser a sua felicidade
Não sou a sua projeção, você é que se baste
Meu bem, amor assim eu quero é longe de mim*

*Sou Mulher, sou dona do meu corpo
E da minha vontade
Fui eu que descobri poder e liberdade*

Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim

(Doralyce Gonzaga / Sílvia Duffraye)

A DISCURSIVIZAÇÃO DO SUJEITO MULHER: TRAÇOS DE PODER E MACHISMO NOS COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS SOBRE A MARCHA DAS VÁDIAS DE 2014 EM SÃO PAULO -SP

RESUMO

A presente pesquisa teve o objetivo de analisar as maneiras que o sujeito mulher é constituído através comentários no site G1 com base nos conceitos chave de Foucault (1979). Visto que é importante compreender as relações de poder que constituem a desigualdade entre homens e mulheres bem como perceber os discursos machistas na internet. De início a pesquisa apresentou um resumo dos principais estudos de Foucault acerca das relações de poder, e como elas se manifestam, posteriormente foi feito um aparato das teorias feministas e do papel do sujeito mulher na sociedade. E, por fim, analisamos comentários presentes em uma notícia do site G1. A pesquisa está fundamentada nos conceitos de Foucault (1979), Butler (1998), Nascimento (2015), e Beauvoir (1949) e com ela compreendemos e analisamos os discursos encontrados na internet que moldam o sujeito mulher perante a sociedade e quais as relações de poder existentes neles. Diante disso, por meio da pesquisa percebemos como o sujeito mulher é atravessado por ideais de gênero que tentam diminuir sua atuação social e sua iniciativa de resistência. Abrindo margem para demais pesquisadores que busquem na teoria foucaultiana modos de perceber nosso presente e as questões relativas à sexualidade.

Palavras chave: Sujeito mulher; Relações de Poder; Foucault; Site G1.

ABSTRACT

The present research had the goal of analyze the ways that the woman subject is constituted through the comments in the website G1, based on the key concepts of Foucault (1979). Since it's important understand the relations of power that constitute inequality between men and women, as well as realize the sexist speech on the internet. From start the research presented a summary of the main Foucault studies about the relations of power, and how they manifests themselves, after that an apparatus of feminists theories and role of the woman subject in the society was made. And by the end, we analyze comments on news present in the website G1. The research is based on the concepts of Foucault(1979), Butler(1998), Nascimento (2015), and Beauvoir (1949), and with it, we understand and analyze the speeches founded on internet that shape the woman subject before society and what are the relations of power that exists on them. Before that, through research we realize how the woman subject is crossed by gender ideals that try to reduce their social performance and their initiative of resistance. Making room for other researchers that look in the Foucaultian theory ways to understand our present and issues related to sexuality.

Keywords: Woman subject; relations of power; Foucault; website G1.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	UM PASSEIO NAS PROPOSITURAS FOUCAULTIANAS.....	10
3	UMA ESTADIA NOS ESTUDOS FEMINISTAS.....	15
4	DISCURSOS SOBRE O SUJEITO FEMININO: CORPO PADRÃO, FEMINISMO E RESISTÊNCIA.....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o feminismo atua nas mais diversas camadas da sociedade, buscando a equidade de direitos e oportunidades entre os gêneros e a libertação da mulher. Apesar do crescimento do conservadorismo patriarcal, baseado em ideais cristãos, as pautas feministas continuam a se difundir e alcançar cada vez mais espaços. O movimento, que ganhou notoriedade no século XIX, contribuiu para a conquista da maioria dos direitos das mulheres e para que ocupassem seu lugar em todos os espaços. As pautas feministas modificaram e vêm modificando o cenário predominante na sociedade, na cultura e nos direitos da mulher ocidental. Foi por meio de protestos, debates e campanhas que as mulheres conquistaram autonomia, direito ao voto, direito sob o próprio corpo, leis que garantem proteção contra violência, leis trabalhistas etc.

O feminismo, por ser um movimento político possui uma historicidade e uma estrutura formada por diversas teorias, lutas e conquistas da militância. Essas teorias foram diversificadas e organizadas de acordo com as variações das necessidades de cada grupo. Essas divisões, chamadas de vertentes feministas, servem para organizar, de acordo com teorias e pensamentos políticos, as ações de determinados grupos. Alguns exemplos das vertentes feministas são: Radical, liberal, interseccional, negro, marxista, lésbico, anarquista, transfeminismo e etc.¹ Não se trata de uma segregação e sim de uma organização de acordo com a realidade e a luta de cada grupo. Apesar dessa diferença, todas buscam o mesmo ideal: a liberdade e equidade para as mulheres.

Uma das ferramentas mais utilizadas para difundir o feminismo é a internet, com a propagação da chamada “Era digital” a comunicação e os debates estão cada vez mais alcançáveis, bem como o acesso à informação, leitura etc. Esse fato ajuda a levar o movimento para pessoas de todas as idades, classes sociais e lugares do mundo, expandindo a causa, apresentando o que o feminismo significa para as mulheres e esclarecendo assuntos voltados para a mulher em relação ao homem. É importante que tudo isso chegue para as pessoas, e a internet possibilita essa entrega.

¹ Fonte: QG Feminista disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/quais-s%C3%A3o-as-principais-vertentes-do-feminismo-ae26b3bb6907> acesso em: 18 de setembro de 2019

Mas apesar de todas as vantagens, a internet é também um espaço sem filtros onde as pessoas têm total liberdade para expor seu posicionamento sobre todo e qualquer assunto, por meios dos posts, tweets e comentários as pessoas têm o poder de expor suas ideias, preconceitos e opiniões sobre todos os assuntos. E por ser um dos maiores meios de comunicação e informação da atualidade, a internet possibilita a construção e desconstrução de conceitos e discursos e promovendo debates de todo tipo.

Estudos como o de Foucault são de grande relevância no que se refere a teoria universalizante do sujeito, gênero e constituição de poder, a liberdade, a ética e a crítica à razão ocidental, pois esses conceitos são importantes ferramentas para estudos feministas.

Diante disso, pretendemos com esta pesquisa, analisar, por meio das teorias de Foucault (1979), Butler (1988) e entre outros estudiosos, a maneira como o sujeito mulher é constituído em comentários de algumas notícias do site G1, que é hoje o líder de audiência na categoria de notícias online. Além de descrever os discursos que tomam por objeto o sujeito mulher na internet, averiguar os modos de constituir o sujeito mulher em comentários na internet e perceber as relações de poder que produzem o sujeito mulher em comentários no site.

O site de notícias G1, que se trata da plataforma de notícias online da Rede Globo, é o site de notícias com maior número de acessos do Brasil, com aproximadamente 52.8 milhões de visitantes e 510.4 milhões páginas vistas por mês. Acerca do perfil dos visitantes, de acordo com a Com Score, podemos destacar: 49% são homens, de classe média/alta, de 25 a 34 anos.

É importante observar como a mulher é posta na internet, pois, segundo Castro² (2014) a violência online é apenas um desdobramento da violência cotidiana que sofremos nas ruas, no trabalho ou em nossas casas. E assim como as outras, ela não tem sido levada muito a sério, a não ser em casos que ganham grande repercussão nacional. Essa violência gera diversas consequências como o silenciamento, o medo de se expressar e ter sua intimidade exposta e a ideia de que o sujeito mulher não deve ocupar espaços como a internet, por exemplo.

O trabalho tem base nas teorias de Foucault (1979), Butler (1988) e Beauvoir (1949) que abordam as relações de poder dos sujeitos e a maneira que a

² Socióloga e doutora em Ciências Sociais pela Unicamp e especialista em discussões sobre trabalho e gênero.

mulher é colocada em sociedade, além de textos acadêmicos do tema como os de Betto (2001), Almeida (2011) e estudos publicados na Internetlab que trata-se de uma plataforma de pesquisa interdisciplinar que possibilita o debate e a pesquisa em diversas áreas do conhecimento.

Inicialmente, será feita uma análise da teoria de Foucault acerca das relações de poder, e como elas se manifestam na sociedade ocidental, no capítulo seguinte apresenta-se uma contextualização do feminismo e duas de suas principais escritoras bem como algumas considerações sobre o papel e a construção do sujeito mulher. Em seguida faremos análises de alguns comentários de uma reportagem vinculada no site de notícias G1.

Dito isto, analisar a maneira que a mulher é colocada nesses espaços, assim como perceber a violência presente nos discursos direcionados a ela é de extrema importância, pois esse tipo de estudo contribui para que a sociedade perceba o machismo presente em todos os âmbitos bem como a academia possa formar docentes capazes de desmitificar conceitos misóginos e violências de gênero em sala de aula.

2 UM PASSEIO NAS PROPOSITURAS FOUCAULTIANAS

Paul-Michel Foucault³ nasceu em Poitiers, no oeste da França, no ano de 1926. Interessou-se pela filosofia quando estudou no Lycée Henri IV e em seguida na École Normale Supérieure, em Paris. Foi aluno da Sorbonne, onde se formou em filosofia e psicologia. Foi diplomata cultural no exterior, lecionou na Universidade de Clermont-Ferrand e na Universidade de Tunis até 1968, quando retornou à França e se tornou chefe do departamento de filosofia da nova universidade experimental de Paris e logo após, em 1970, Foucault lecionou História do Pensamento no Colégio de França. Tornou-se ativista de grupos contra o racismo, contra abusos dos direitos humanos e em campanhas pela reforma penal.

Suas teorias contemplam principalmente as relações entre poder e conhecimento, e como elas são usadas como instrumentos de controle social através das instituições. Dentre suas principais obras destacam-se: *Doença Mental e Psicologia* (1954), *História da Loucura na Era Clássica* (1961), *O Nascimento da*

³ Fonte: https://www.ebiografia.com/michel_foucault/ (acesso em: 30 de set de 2019)

Clínica (1963), As Palavras e as Coisas (1966), Vigiar e Punir (1975), História da Sexualidade (1984).

Suas teorias são de extrema importância tanto para a filosofia quanto para a análise do discurso, pois seus estudos abrangem muitos campos do saber. Seus conceitos mais utilizados na AD são o de sujeito, saber, poder e discurso e as relações existentes entre eles. Foucault afirma que o sujeito é uma identidade, um composto feito de relações de poder:

[...] uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há, indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas de sujeito; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes. (FOUCAULT, 2004, p. 275)

O próprio sujeito é colocado como objeto de saber possível, e o que o filósofo empreendeu em seus estudos foi para compreender quais são, diz Foucault: “os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento.” (FOUCAULT, 2004, p. 236) Os processos de subjetivação, nesse caso, se referem a como o indivíduo se compreende como sujeito de determinado conhecimento, ou seja, como ele percebe a si mesmo na relação sujeito-objeto.

Para falarmos da maneira que o sujeito mulher é colocado na sociedade e, por consequência, na internet, precisamos falar primeiramente das relações de poder e a desigualdade entre os sujeitos apresentadas nas obras de Michel Foucault. O francês define poder de maneira diferente do pensamento comum, segundo o qual é tido como práticas de repressão sobre o outro. Para o filósofo, as relações de poder operam em todas as instâncias da existência do ser humano e estão diretamente ligadas ao discurso, sendo assim produtores de subjetividade.

Em sua obra, Foucault afirma que a problemática em torno do poder deve se pautar no seguinte horizonte:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...] Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício. (FOUCAULT 1979, p. 182)

O filósofo define que as relações de poder atuam como forças que disciplinam e controlam os indivíduos e se alteram de acordo com as relações sociais, econômicas e políticas e assim produzem outras relações de poder que se adaptam as necessidades do poder dominante. Diante disso, pode-se afirmar que as relações de poder não dependem dos indivíduos e os precedem e muito pelo contrário, o indivíduo quem depende das relações de poder para coexistir e evoluir. Ainda, segundo Foucault:

As relações de poder se enraízam no conjunto da rede social. Isto não significa, contudo, que haja um princípio de poder, primeiro e fundamental, que domina até o menor elemento da sociedade; mas que há, a partir desta possibilidade de ação sobre a ação dos outros (que é co-extensiva a toda relação social), múltiplas formas de disparidade individual, de objetivos, de determinada aplicação do poder sobre nós mesmos e sobre os outros, de institucionalização mais ou menos setorial ou global, organização mais ou menos refletida, que definem formas diferentes de poder. (FOUCAULT 2006, p. 247)

As relações de poder devem ser entendidas, não como algo individual, nem como uma coisa que pessoas poderosas possuem, mas sim como uma série de aparatos sociais e políticos que delimitam as ações dos sujeitos, seu comportamento e sua identidade. Assim, em outras palavras, o poder emerge de maneira diferente de acordo com o contexto social do indivíduo, por exemplo, as relações de poder entre professor e aluno diferem-se da relação professor e diretor, ou aluno e pai/mãe, pois as situações e espaços se alteram e com eles as relações de poder.

O poder produz saber; poder e saber estão diretamente implicados; não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber; também não há saber sem que haja ou se constituam, ao mesmo tempo, relações de poder. Temos antes que admitir que o poder produz saber. (FOUCAULT, 1995. p. 30).

O filósofo ainda afirma que o conhecimento não é quem produz e determina o saber, mas sim a relação poder e saber que possibilita a existência dos diversos

campos de conhecimento, problematizando a afirmação de que ciência e poder estão relacionados. Foucault elenca o poder das sociedades ocidentais em 3 categorias: o Poder Soberano, o Poder Disciplinar e o Biopoder, e para ele o poder não é baseado apenas no centro (Estado) e sim nas relações sociais, formando assim uma rede de “micro poderes”, isto é:

Em primeiro lugar: não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento (FOUCAULT, 1979, p. 182).

Analisar as relações de poder seria, portanto, analisar as extremidades, ou seja, as camadas mais periféricas da sociedade onde essa rede de “micro poderes” se forma e constitui as relações humanas, pois, como afirma o filósofo, “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provem de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 89).

Essa teoria afirma que o poder não se origina nas classes ditas mais altas da sociedade e que todos o exercem, porém o conceito de poder não era visto dessa forma na Idade Média, por exemplo, quando era concebido como o poder soberano. Nessa concepção que antecede a democracia, o poder é exclusividade de alguns sujeitos que irão exercê-lo sobre outros que irão servi-los de forma voluntária.

O poder disciplinar é aquele que, por meio da vigilância e punição, dociliza o sujeito fazendo com que este seja útil e moldável, tirando dele sua força política e do corpo tornando maior sua força útil. No entanto, esse poder não é imposto por meio da violência de forma explícita, mas de forma sutil, através de táticas e estratégias de disciplinamento, isto é:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar 'disciplinas'. Muitos processos disciplinares existem há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII formulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes (FOUCAULT, 2010, p. 133).

Deste modo, o poder é constituído por uma série de estratégias ou táticas políticas, as quais se espalham e em entremeiam o tecido social. Para Foucault (2006, p. 143), "A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício." O poder disciplinar expandiu em escolas, presídios, hospitais psiquiátricos e demais instituições disciplinares que usam da vigilância e da punição para que os indivíduos se organizem, sigam as normas e se adequem a sua organização.

Por outro lado, o biopoder trata-se de uma estrutura de poder que visa dar condições que vão garantir a vida dos indivíduos disciplinados que formam as populações por meio de controle de natalidade e mortalidade. Dessa maneira, o Estado remoldura suas táticas para fazer o corpo populacional viver mais e melhor através de:

[...] uma medicina que vai ter, agora, a função maior de higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, [...] de campanha de aprendizado da higiene e da medicalização da população. (FOUCAULT, 1999, p. 291).

Medidas para controle de epidemias, práticas de higiene, estudos sobre a influência dos fatores climáticos na saúde da população são métodos de exercício do biopoder, e o controle populacional que ocorre por meio desses fatores cria o que Foucault chama de "sociedades de segurança". As relações de poder são como uma batalha cujo nenhum dos lados ganha ou perde e através da resistência essas relações se constituem, se modificam e constroem a sociedade.

Podemos tomar como exemplo o sujeito mulher, que é produzido pelas relações de poder para ser dócil, frágil e inferior, isso se dá ao fato de que a

sociedade, diante de uma perspectiva androcêntrica⁴, cria os papéis de gênero de forma em que o homem seja favorecido e a mulher dócil e domesticada. Porém apesar de estratégica, a docilização ocorre de maneira natural, como se o destino da mulher fosse esse, para Foucault, existe uma diferença entre violência e relações de poder:

Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. (FOUCAULT 2006, p. 243)

O movimento feminista surge como uma maneira de questionar e resistir a esse poder, pois um dos elementos constituintes de toda relação de poder é a resistência, portanto, no próximo capítulo iremos apontar as principais teorias, vertentes e questionamentos do movimento feminista bem como o papel e a performance do sujeito mulher perante a sociedade.

3 UMA ESTADIA NOS ESTUDOS FEMINISTAS

O Feminismo é a luta dos direitos políticos e sociais iguais para homens e mulheres. Afinal homens e mulheres não tem igualdade perante a sociedade, pois a mulher ganha menor salário, ocupando o mesmo cargo que um homem, são ensinadas a realizar os trabalhos domésticos e a cuidar dos filhos enquanto os homens não são, além de serem vítimas de assédio, violência, estupro, abuso e dentre outras situações só por serem mulheres.

Essa perspectiva parte da ótica euro cristã, que cria uma mulher frágil, dócil e habituada ao ambiente doméstico e como a religião, mais especificamente o cristianismo, tem muita influência na construção da sociedade, essa maneira de constituir a mulher é naturalizada. Para Lagarde:

³ *Androcentrismo* é um termo criado pelo sociólogo americano Lester F. Ward (1903) A tendência quase universal de se reduzir a raça humana ao termo "o homem" é um exemplo excludente que ilustra um comportamento androcêntrico.

As igrejas, especialmente as católicas, disputam o corpo, a sexualidade e subjetividade das próprias mulheres. Eles promovem uma cruzada política contra mulheres e se opõem aos direitos das mulheres com todas as suas autoridades e seu poder terreno e sagrado. As igrejas e grupos e propriedades poderosas e tradicionalistas se unem para impedir politicamente o avanço das mulheres e a transformação de uma perspectiva democrática de gênero das sociedades e culturas. Contribuem para delinear mentalidades misóginas e supremacistas. (LAGARDE 2011, p. 21)

A maioria das teorias data o início do movimento feminista organizado nos anos 60, apesar de muitas outras teorias apontarem que no final do século XIX as mulheres já começavam a buscar, mesmo que de maneira conservadora, por emancipação para que a mulher pudesse, por exemplo, trabalhar fora do ambiente doméstico. Nessa ótica, entendemos que

emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e econômicos. Libertar-se é querer ir mais adiante, [...] realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente (BETTO, 2001, p. 20)

Às mulheres era delegada a vida dura no ambiente privado, feita de inferioridade e servidão. Estes valores foram vigentes por muitos milênios na sociedade. Com o tempo, as mulheres foram percebendo as opressões que sofriam, começaram a discutir sobre a soberania masculina, sexualidade, divórcio e direito a educação ocupação de cargos geralmente exercidos por homens.

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista (PINTO, 2003, p. 54)

No decorrer dos anos, o feminismo foi se ramificando, visto que as necessidades das mulheres não eram as mesmas, enquanto, por exemplo, uma mulher branca lutava pelo direito de votar, uma mulher negra lutava para ser tratada como gente. Muitas foram as conquistas dos movimentos feministas, em todas as vertentes, o direito a emancipação feminina, o voto, a criação de leis que

criminalizam a violência doméstica e entre outros direitos só se tornaram possíveis graças a esses movimentos.

Até os dias atuais, o feminismo busca alcançar todas as mulheres, respeitando suas particularidades e necessidades diferentes e acompanhando a evolução da sociedade e dos meios de comunicação se adequando essa evolução sempre em busca da igualdade entre gêneros e pela liberdade política, de expressão e do corpo da mulher.

Na verdade, o impulso feminista (e não tenho dúvida de que há mais de um) muitas vezes partiu do reconhecimento de que a minha dor, o meu silêncio, a minha raiva ou a minha percepção não são, em última análise, só meus, e me colocam em uma situação cultural compartilhada que me habilita e me autoriza de certas formas inesperadas. (BUTLER, 1998, p. 523)

Dentre as inúmeras escritoras feministas que contribuem tanto para o movimento quanto para a análise do discurso, a pesquisa terá aporte na teoria de Judith Butler e Simone de Beauvoir, que são as duas mais citadas em pesquisas e análises do feminismo.

Judith Butler⁵ é uma filósofa americana pesquisadora e teórica de gênero muito importante para a filosofia política e os campos da teoria feminista e da literatura. Nasceu em 24 de fevereiro de 1956, em Cleveland, Ohio, frequentou uma escola hebraica e recebeu aulas sobre ética judaica, onde teve seu primeiro contato com a filosofia. Lecionou na Universidade Wesleyan, na Universidade George Washington e na Universidade Johns Hopkins antes de ingressar na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1993.

Foi Diretora Fundadora do Programa de Teoria Crítica na UC Berkeley, como Presidente do Departamento de Retórica em 1998-2003 e 2006-2007, e como Presidenta Interina do Departamento de Estudos de Gênero e Mulheres de 2002 a 2003. Atua em diversas organizações de direitos humanos, como o conselho do Centro de Direitos Constitucionais em Nova York e o conselho consultivo da Jewish Voice for Peace.

Suas teorias abrangem conceitos como gênero, corpo, heteronormatividade, sujeito, performatividade e identidade de gênero, teoria *QUEER* etc. Suas obras literárias mais famosas são “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da

⁵ Fonte: <http://nomespesquisacomunicacao.com.br/verbetes/judith-butler/> (acesso em:11 de set de 2019)

identidade” (1990), “Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?” (2009) e “Desfazer Gênero” (2004).

A teoria de Butler tem ligação direta com a de Beauvoir, pois em um dos seus primeiros artigos ela analisa boa parte dos pressupostos da teoria de Beauvoir presente em sua obra *O segundo sexo*. Simone de Beauvoir nasceu em 9 de janeiro de 1908 na cidade de Paris, França. Foi uma escritora feminista, filósofa existencialista, memorialista e considerada uma das maiores representantes do existencialismo na França. Estudou no Institute Adeline Désir, uma escola católica para meninas, cursou matemática no Instituto Católico de Paris e literatura e línguas no Institute Saint-Marie.

Logo após, Beauvoir cursou Filosofia na Universidade de Sorbonne, onde entrou em contato com outros intelectuais da época como René Maheu e Jean-Paul Sartre, com quem manteve um longo e polêmico relacionamento. Em 1929 concluiu o curso de Filosofia. Aos 23 anos, foi nomeada professora de Filosofia na Universidade de Marseille, onde permaneceu até 1932. Em seguida foi transferida para Ruen. Em 1936, voltou à Paris como professora de Filosofia do Lycée Molière. No período da ocupação nazista, Simone de Beauvoir trabalhou na Rádio Vichy, como porta voz da propaganda Nacional Socialista.

Entre suas inúmeras obras, destaca-se “*O Segundo Sexo*” (1949), sua obra mais importante, que teve repercussão internacional e alcançou uma geração interessada nas questões ligadas à opressão da mulher em busca da independência feminina diante da sociedade. A autora também ganhou reconhecimento pelas obras “*Os Mandarins*” (1954), “*Cerimônia do Adeus*” (1981) e “*A Convidada*” (1943).

Nessa ótica, a subjetividade feminina apresenta diversas concepções e várias são as teorias que buscam explicar o motivo pelo qual o sujeito mulher é colocado em posição inferior, uma delas aparece em um artigo de Nascimento (2015, p. 630) do livro *Dicionário de Gênero*:

O estudo das relações de gênero abrange um campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender as relações entre os gêneros- masculino e feminino - na cultura e na sociedade humanas. É uma compreensão que passa pelos homens e pelas mulheres, diferentes uns em relação aos/às outros/as e entre si, e compreensíveis em uma perspectiva relacional. Considera-se ainda que essas relações são construídas historicamente, marcadas pela cultura e pelas relações de poder que fundamentam uma hierarquia e uma assimetria social entre homens e mulheres. (NASCIMENTO 2015, p. 630)

Scott (1995, p. 86) afirma que: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Ou seja, para compreender a desigualdades de gênero, é necessário entender as relações de poder que as cercam. Para Almeida:

Quando as mulheres e o papel que desempenham nas relações de gênero são enfocados, é possível observar paradigmas de submissão cristalizados ao longo de séculos, assim como modelos de resistência que ultrapassam os muros da domesticidade e revelam ao espaço público as insatisfações geradas numa estrutura social solidificada em tradições. A banalização do exercício do poder de um sexo sobre o outro assume esses paradigmas como parte da ordenação natural das relações entre os seres humanos, no qual o mais fraco pode ser dominado com ou sem seu consentimento. (ALMEIDA 2011, p.172)

O sujeito mulher é colocado, através dos séculos, como mais frágil e inferior e isso se dá ao fato de que o homem detém o poder econômico e político dentro da sociedade, assumindo um papel de superioridade.

Na perspectiva Beauvoir (1949), “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ou seja, o sujeito mulher é moldado pela sociedade de acordo com valores e estereótipos. A submissão e a inferioridade não nascem com a mulher, são, de certa forma, imposições que moldam a mulher ideal e útil.

O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. É significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do “sujeito” como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, como indica que é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir, a categoria das mulheres. (BUTLER, 1998, p. 49)

Os aspectos que constituem o papel da mulher na sociedade têm mudado, nesse trecho, Butler afirma que o sujeito mulher começa a questionar o seu papel e buscar por libertação. Para a filósofa, as relações de poder entre os sexos é que molda os sujeitos para fins reprodutivos. No capítulo a seguir, iremos analisar com base na teoria apresentada, comentários de uma reportagem do site G1 em 2014.

4 DISCURSOS SOBRE O SUJEITO FEMININO: CORPO PADRÃO, FEMINISMO E RESISTÊNCIA

O G1 é um portal de notícias brasileiro pertencente ao Grupo Globo e orientado pela Central Globo de Jornalismo. Foi lançado em 18 de setembro de 2006, e disponibiliza o conteúdo de Jornalismo das empresas do Grupo Globo⁶ além de reportagens próprias em formato de texto, fotos, áudio e vídeo.

O portal conta com cinco redações próprias situadas sendo elas no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Recife, afiliadas da Rede Globo, jornais, revistas, rádios e as agências de notícias Agência Estado, Agência France Presse, Associated Press, EFE, New York Times, Lusa, Reuters e Valor Econômico são fontes do site de notícias, que é atualizado 24 horas por dia.

Os comentários a seguir foram retirados de uma publicação que noticiava a marcha das vadias⁷ que aconteceu em São Paulo em 2014 sendo a 4ª edição brasileira da marcha que reuniu em média 300 pessoas que seguiram do vão do Museu de Artes de São Paulo (Masp) até a Praça Roosevelt passando pela Rua Augusta.

A Marcha das Vadias ou *SlutWalk* é um movimento que iniciou-se a partir de um protesto que aconteceu em Toronto, no Canadá, no dia 3 de abril de 2011, e desde então acontece em diversas partes do mundo. A manifestação é contra a crença de que mulheres vítimas de estupro provocam a violência por seu comportamento. As mulheres que participam da marcha usam não só roupas cotidianas, mas também roupas consideradas provocantes, como blusas transparentes, lingerie, saias curtas, salto alto ou apenas sutiã.

Esse tipo de manifestação provoca inquietação nos internautas e gera uma série de debates nos comentários da própria reportagem, e são esses comentários que serão analisados a seguir. Foram escolhidos os 5 primeiros comentários que aparecem como principais abaixo da notícia.

⁶ Rede Globo, Globo News, Rádios Globo e CBN, Jornais O Globo, Extra, Expresso e Valor Econômico, revistas Época e Globo Rural, entre outras.

⁷ disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/05/manifestantes-realizam-marcha-das-vadias-em-sao-paulo.html>

Fonte:G1

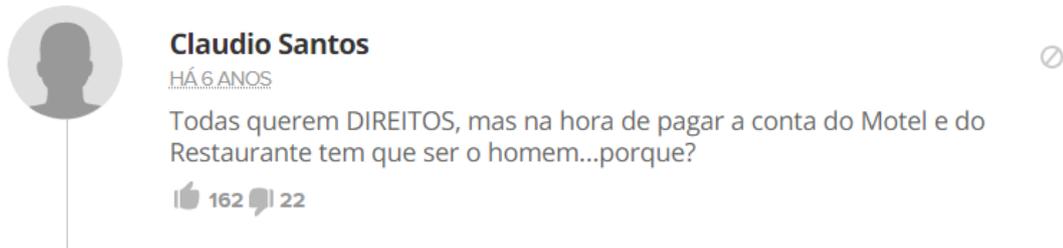


Figura 1: Claudio Santos: Todas querem DIREITOS, mas na hora de pagar a conta do Motel e do Restaurante tem que ser o homem...porque?

De início, o comentário acima emerge de um discurso em que a mulher é inferior economicamente e o homem sempre paga a conta, além de promover um ideário de mulher interesseira que só sai com homens com maiores condições financeiras para que eles possam pagar por tudo. Também pode-se perceber o discurso que feministas buscam por direitos iguais, mas continuam submissas aos homens, seja financeiramente ou afetivamente. Nesse sentido, o sujeito mulher é constituído de acordo com uma performance de gênero (BUTLER, 1998) segundo a qual a mesma é dependente financeiramente do homem por esperteza e não por atravessamentos históricos que a colocaram sempre na posição de dependência.

As relações de poder, nesse caso, partem de um homem que não aceita o fato de que mulheres busquem por emancipação e que as estereotipa como seres contraditórios que lutam contra um sistema de opressão, mas que dependem do opressor. É um discurso bastante comum visto que ao longo dos anos, a mulher pertenceu ao campo privado, estando sempre em casa enquanto o marido/pai trabalha para pagar tudo para ela.

Fonte:G1

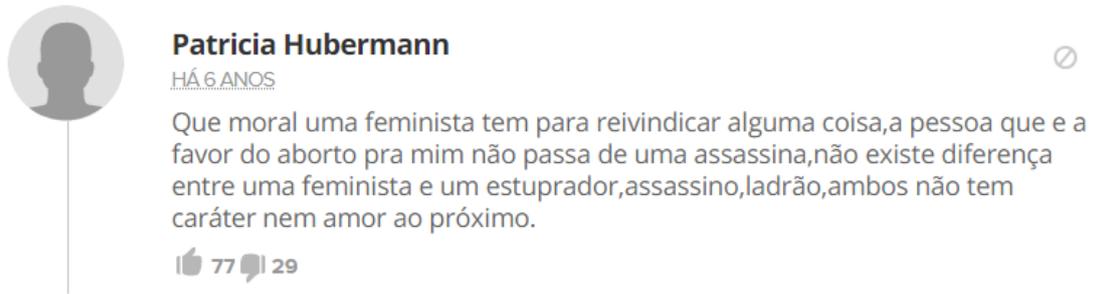


Figura 2: Patricia Hubermann: Que moral uma feminista tem para reivindicar alguma coisa, a pessoa que e a favor do aborto pra mim não passa de uma assassina, não existe diferença entre uma feminista e um estuprador, assassino, ladrão, ambos não tem caráter nem amor ao próximo.

Dando continuidade, o enunciado do comentário 2 emerge de uma vertente discursiva religiosa, pois se vale de dogmas religiosos sobre o aborto a fim de estigmatizar o movimento feminista comparando-o com criminosos e, com isso, tirando seu direito de fala. A partir desse discurso, é constituído um sujeito mulher que deve seguir um padrão como perdura desde muitos séculos atrás até os dias de hoje, sujeitos inferiorizados aos homens que não defendem o direito de igualdade e de escolha nem mesmo a autonomia de seu próprio corpo.

A opressão que é produzida, nesse sentido, pelas relações de poder entre homens e mulheres e, na maioria das vezes, tem base em teorias cristãs que criticam feministas que defendem a descriminalização do aborto, por exemplo, e esse discurso se propaga e se naturaliza na sociedade, moldando um sujeito mulher que não tem direito de escolha e não pode decidir quanto ao próprio corpo, isto é, a experiência feminina da maternidade é pautada no disciplinamento que a imagem masculina produz nesses corpos.

O fato do comentário partir de uma mulher também reforça o impacto que o machismo ainda tem na sociedade, pois cria mulheres que se voltam contra outras mulheres que buscam pelos seus direitos. Compreendemos, assim, o sujeito como uma posição vazia, na ótica foucaultiana, isto é, o discurso, tal como do comentário, pode ser proferido por qualquer sujeito, pois o mesmo se alia a uma formação discursiva específica.

Fonte:G1

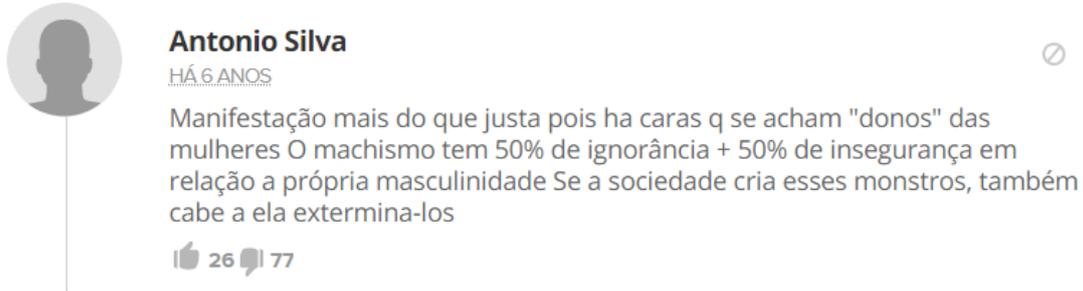


Figura 3: Antonio Silva: Manifestação mais do que justa pois ha caras q se acham "donos" das mulheres O machismo tem 50% de ignorância + 50% de insegurança em relação a própria masculinidade Se a sociedade cria esses monstros, também cabe a ela extermina-los

Assim, partindo do pressuposto de que o comentário 3 é feito por um homem que defende a justiça da manifestação e que defende os direitos das mulheres, podemos notar o discurso feminista agindo sobre um dos sujeitos de forma positiva, pois um dos objetivos do feminismo é que os homens percebam o machismo e se posicionem contra ele.

O sujeito que é constituído a partir desse discurso é um homem que percebe o machismo da sociedade em que está inserido, a importância das lutas feministas e começa a compreender que a inferioridade feminina existe e que suas consequências afetam não apenas as mulheres.

É notável que a resistência do homem que percebe seus privilégios em comparação as mulheres causa impacto por meio do discurso, pois, perante a sociedade, o homem exerce uma superioridade desde sempre, e quando ele se opõe a isso mostra que o feminismo pode sim atingir quase todas as pessoas.

Fonte:G1



Figura 4: Enzo Gregoletto: Feminismo só começa depois dos 80 kg.

No comentário 4 aparecem dois discursos: o primeiro, clínico e biopolítico (Foucault, 1979), revela que estar acima de 80 quilos é algo negativo e o segundo, estético, diz que estar fora dos padrões estético estabelecido como belo no ocidente é pré-requisito para ser feminista, como se o movimento existisse para mulheres que não são aceitas socialmente por seus corpos.

Esse discurso reforça a ideia de pressão estética que faz com que mulheres se sintam cada vez mais obrigadas a seguirem um padrão de beleza europeu, que é uma mulher magra, alta, branca e loira, que seria a mulher ideal. As relações de poder que colocam esse pensamento como o correto na sociedade partem de um viés capitalista que, aliado ao discurso médico que coloca o corpo gordo como doente e o magro como saudável, reforça que a beleza da mulher está vinculada ao seu peso, seu corpo ou seu tamanho criando assim um padrão inalcançável.

Além disso, dizer que o feminismo começa depois dos 80 quilos produz uma imagem de um sujeito mulher que só se posiciona contra as opressões quando sofre por não se encaixar em um padrão e por consequência disso está insatisfeita e decide protestar.

Fonte:G1

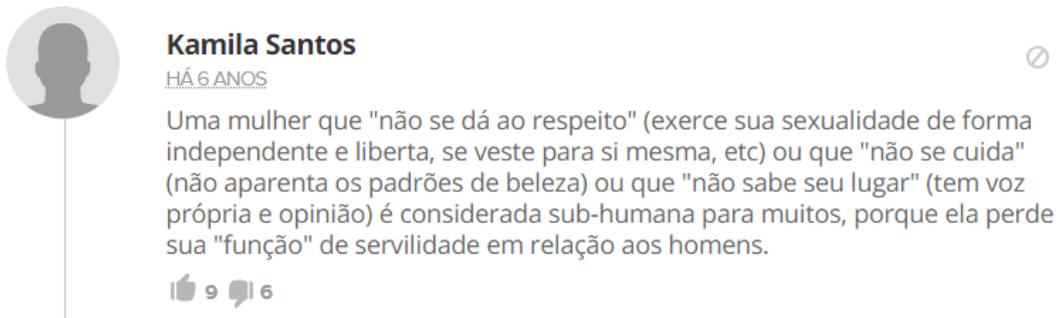


Figura 5: Kamila Santos: Uma mulher que "não se dá ao respeito" (exerce sua sexualidade de forma independente e liberta, se veste para si mesma, etc) ou que "não se cuida" (não aparenta os padrões de beleza) ou que "não sabe seu lugar" (tem voz própria e opinião) é considerada sub-humana para muitos, porque ela perde sua "função" de servilidade em relação aos homens.

Por sua vez, o comentário 5 parte do discurso feminista, o qual possibilita que a mulher perceba as opressões e a desigualdade entre os gêneros e questiona termos muito utilizados em discursos machistas. Como mencionado anteriormente por (PINTO, 2003 p. 54) "Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar

contra a sua opressão.” Esse comentário constitui um sujeito que assume para si um discurso que empodera, um sujeito que se subjetiva segundo regimes de transgressão das normas vigentes.

É um discurso que resiste às práticas da sociedade patriarcal mostrando o outro lado dos dizeres que são usados para oprimir a mulher, bem como para reprimir sua sexualidade, padronizar seu corpo e calar sua voz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi analisar por meio das teorias de Foucault o modo como o sujeito mulher é constituído nos discursos presentes em alguns comentários na internet, especificamente em reportagem do G1 sobre a Marcha das vadias no ano de 2014 e como esse sujeito foi moldado durante toda a sua trajetória. Utilizando a teoria de Judith Butler, Simone de Beauvoir e entre outras autoras que discutem o feminismo, analisamos o percurso sociohistórico que explica como o machismo e a opressão colocada sobre a mulher se reverbera desde os séculos anteriores até hoje na internet.

Discutimos temas como as relações de poder e como elas agem nos processos que constituem a sociedade, as distinções de gênero que causam a desigualdade e moldam o comportamento dos sujeitos, principalmente do sujeito mulher e, por fim, analisamos comentários no site de notícias G1 percebendo as relações de poder, o caráter do discurso e o sujeito por ele produzido.

Diante disso, percebemos como o sujeito mulher ainda é atravessado por ideais de gênero que tentam diminuir sua atuação social e sua iniciativa de resistência. A pesquisa, então, abre margem para demais pesquisadores que busquem na teoria foucaultiana modos de perceber nosso presente e as questões relativas à sexualidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane S. de. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. **Série-Estudos**, Campo Grande - MS, n. 31, p. 165-181, jan./jun. 2011.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. – 4. ed. – São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949.
- BETTO, Frei. **A marca do batom**: Como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo. ALAI: América Latina em Movimento, 2001.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- CASTRO, Bárbara. **A internet não gosta das mulheres** Disponível em: <<https://biachetto.jusbrasil.com.br/artigos/114010722/a-internet-nao-gosta-das-mulheres?ref=serp>> Acesso em: 02 de set de 2019.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas** – 7. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Como se exerce o poder?** In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no College France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. Coleção Tópicos. Tradução de Eduardo Brandão.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. – 38. Ed. – Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Michel Foucault** Disponível em: <https://www.ebiografia.com/michel_foucault/> Acesso em: 11 de set de 2019.
- LAGARDE, Marcela. **Gênero y feminismo**: Desarrollo humano y democracia. Madrid: Horas y horas, 2011.

MANIFESTANTES realizam 'Marcha das Vadias' em São Paulo. **G1**, São Paulo, 25 de maio de 2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/05/manifestantes-realizam-marcha-das-vadias-em-sao-paulo.html>> Acesso em: 10 de out. de 2019.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral de. Relações de Gênero. In: **Dicionário de gênero** COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. (Orgs.) – 2. Ed. – Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

PINTO, Célaí Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.